

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Herbert Victor Levy – Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy – Vice-Presidente

Paulo Roberto Ferreira Levy
Henrique Alves de Araújo
Roberto de Souza Ayres
Delacir Mazzini
Benjamin Constant Correa Junior

GAZETA MERCANTIL

GAZETA MERCANTIL QUINTA-FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 1996

Economia - Brasil Algumas intenções postas em prática

O governo tomou neste início de ano algumas importantes medidas destinadas a pôr em prática sua manifesta intenção de fortalecer a economia empresarial no País. Na área de comércio exterior, o governo estendeu o Programa de Financiamento e Incentivo às Exportações (Proex) às empresas exportadoras de serviços, que passaram a ter direito inclusive à equalização de taxas. Paralelamente, através da BNDESPar, lançou um fundo de investimentos para empresas emergentes (do tipo FIEE), o primeiro a ser instituído no âmbito dos programas oficiais de desenvolvimento.

Apenas pelos critérios de eqüidade, já seria justo permitir que as empresas exportadoras de serviço pudessem gozar dos benefícios do Proex, sendo inaceitável qualquer tipo de discriminação com relação a empresas que, além da execução de obras no exterior, trabalham nas áreas de estudos, projetos, consultoria, etc. Além de lucros em divisas que tais empresas podem carrear para o País, elas, pela sua própria presença no mercado internacional, são estimuladas a buscar adquirir tecnologia mais avançada.

Outro benefício que não pode deixar de ser mencionado é que as empresas exportadoras de serviços, embora não tenham obrigação de fazê-lo, orientando-se sempre pelos critérios de rentabilidade, tendem a dar preferência, nas obras que executam, ao uso de equipamentos de fabricação nacional, que podem ser exportados beneficiando-se das facilidades oferecidas pelo Proex (essas facilidades só não se aplicam a bens produzidos pela própria empresa exportadora).

O Brasil adapta-se, assim, às normas da Organização Mundial de Comércio (OMC) no tocante a exportações de serviços, que vêm crescendo em ritmo ainda maior que o comércio internacional de mercadorias. Em outros tempos, a regulamentação internacional poderia resultar prejudicial ao Brasil, pois se suspeitava de que as normas tenderiam a restringir o mercado em proveito de grandes empresas internacionais. A concorrência nessa área continua muito acirrada, mas hoje o Brasil dispõe de várias empresas, especialmente na área de engenharia e projetos, capacitadas a disputar o mercado externo, como comprovam os serviços ou obras de envergadura de que têm sido incumbidas, mesmo nos países mais desenvolvidos.

Uma atitude mais receptiva à iniciativa privada é revelada também pelo novo papel da BNDESPar no apoio às empresas emergentes. Ainda em 1994, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) regulamentou a criação de fundos em empresas emergentes, mas, até agora, somente quatro grupos privados haviam se interessado em constituí-los, em associação com empresas do exterior especializadas na administração de capital de risco e com instituições financeiras internacionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A idéia, que vem sendo posta em prática com sucesso, é captar recursos de investidores institucionais, principalmente, e canalizá-los para empresas de grande potencial de crescimento.

O modelo adotado pela BNDESPar representa uma variação desses fundos basicamente por co-

meçar com um volume de capital predeterminado (R\$ 25 milhões), atuando como cotista único até a formação de uma carteira. Selecionadas as pequenas e médias empresas (com patrimônio líquido de até R\$ 30 milhões) com potencial de crescimento, de qualquer setor, a BNDESPar vai adquirir cerca de 30% de seu capital até o valor de R\$ 4 milhões por empresa, através de aplicações em debêntures conversíveis em ações por elas emitidas. Formada a carteira, ela será aberta à participação de investidores através da venda de cotas.

Estabelece-se, assim, um canal de comunicação com o mercado, inclusive com os fundos privados de investimentos em empresas emergentes, proporcionando meios para que o bolo cresça continuamente. De outra parte, a BNDESPar, valendo-se da experiência obtida com o Condomínio de Capitalização de Empresas de Base Tecnológica (Contec), deverá preparar as empresas para o seu lançamento no mercado de capitais.

Trata-se de uma evolução em mais de um sentido. O sistema BNDES, que no passado teve a conotação de "hospital" de empresas, cada vez mais tende a se tornar um incubador de empresas, em associação inclusive com centros de pesquisa universitários, como já se verificou no Contec. Outro aspecto que não pode ser menosprezado é que a existência dos FIEE privados, com o reforço da BNDESPar, contribuirá para atrair um maior volume de investimentos diretos do exterior no País, direcionando-os para o segmento das pequenas e médias empresas.